



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS - *CAMPUS V* CURSO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS**

LUANE SOUZA DA CONCEIÇÃO

***EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA* VISTA POR UMA PERSPECTIVA  
LINGUÍSTICA DA VARIAÇÃO E DO ENSINO DA GRAMÁTICA NORMATIVA**

Santo Antônio de Jesus

2021

LUANE SOUZA DA CONCEIÇÃO

***EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA* VISTA POR UMA PERSPECTIVA  
LINGUÍSTICA DA VARIAÇÃO E DO ENSINO DA GRAMÁTICA NORMATIVA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, DCH, *campus V*, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadores: Prof. Dr. Luiz Eduardo Simões de Burgos

Prof. Dra. Gilce de Souza Almeida

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

C744e

Conceição, Luane Souza da

Emília no país da gramática vista por uma perspectiva linguística da variação e do ensino da gramática normativa. / Luane Souza da Conceição . – Santo Antônio de Jesus, 2021.

35 fls.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Eduardo Simões Burgos ; Prof. Dra. Gilce de Souza Almeida.

Trabalho de conclusão de curso ( graduação) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*. Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Santo Antônio de Jesus, 2021.

LUANE SOUZA DA CONCEIÇÃO

**EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA VISTA POR UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICA  
DA VARIAÇÃO E DO ENSINO DA GRAMÁTICA NORMATIVA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, DCH, *campus* V, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua portuguesa e Literaturas.

Aprovado em 11/ 07/2021

BANCA EXAMINADORA

*Gilce de Souza Almeida*

---

*Elisângela dos Passos Mendes*

Profa. Dra. Gilce de Souza Almeida (Orientadora)

---

—  
Prof. Dra. Elisângela Mendes (IFBA)

*Lanuza Lima Santos*

---

Prof. Dra. Lanuza Lima (IFBA)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus por me conceder o dom da vida. Sou grata por o Senhor ter sido o meu sustento e ter me permitido chegar até aqui.

Meus agradecimentos vão também à minha família, pelo incentivo na busca pela realização dos meus sonhos. Aos meus pais, Luiz dos Santos da Conceição e Janete Santos Souza, eu deixo a minha eterna gratidão.

Agradeço também ao meu namorado, Alan Silva Santos, por todo o apoio emocional, pelo incentivo e por sempre acreditar em mim, até quando nem eu mesma acreditava.

Deixo também o meu muito obrigada aos meus colegas de turma, em especial a Daniele Santana Nascimento, Rafaela Silva Santos e Tamires Cardoso Silva, por percorrerem comigo essa jornada sempre me apoiando.

Minha eterna gratidão ao meu saudoso orientador, professor Luiz Eduardo Simões de Burgos, por despertar em mim o gosto pela linguística, pelo apoio emocional e profissional, pelo incentivo, por acreditar em mim. Carrego a esperança de que onde quer que ele esteja, se sinta orgulhoso e saiba que sempre permanecerá nos corações de todos nós.

Sou extremamente grata a minha orientadora, professora Gilce Souza Almeida. Agradeço por me acolher como orientanda, pelas orientações, pelo cuidado comigo, por toda ajuda nesse processo.

Gostaria de agradecer, também, a mim mesma, por me superar a cada dia. Mesmo enfrentando batalhas internas e externas, não desisti e cheguei até aqui.

—Assim diz o senhor: Eu não perdi o controle da tua vida, está tudo no meu tempo, não há nada atrasado. Aquieta-vos e sabeis que eu sou Deus. ||

Salmos 46:10

## RESUMO

Tendo em vista que o ensino de Língua Portuguesa deve abordar a heterogeneidade da língua, é importante que se desenvolvam pesquisas que versem sobre essa questão, pondo em destaque a variação linguística e o ensino da gramática normativa. Dessa forma, este trabalho baseia-se na obra *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato, no intuito de verificar de que maneira o autor aborda aspectos relacionados à língua e ao seu ensino de forma lúdica e contextual. Ademais, busca-se apresentar de que maneira a obra supracitada pode servir como suporte para o docente durante as aulas de Língua Portuguesa. Realiza-se, então, uma pesquisa bibliográfica e de caráter exploratório, haja vista que foi necessária a leitura de textos que envolvem a temática. Assim, foi feita uma análise qualitativa de trechos retirados da obra, referenciando teóricos para ratificar as afirmações apresentadas durante o trabalho. Defendemos, nesta pesquisa, que Lobato propôs uma metodologia de ensino que leva em consideração as vivências do aluno durante o processo de aprendizagem da gramática, além de abordar aspectos relacionados às variedades da língua.

Palavras-chave: Gramática Normativa. Variação Linguística. Ensino.

## **ABSTRACT**

Bearing in mind that the teaching of Portuguese Language must address the heterogeneity of the language, it is important to develop research on this issue, highlighting linguistic variation and the teaching of normative grammar. Thus, this work is based on the work *Emília no país da gramática*, by Moteiro Lobato, in order to verify how the author approaches aspects related to language and its teaching in a playful and contextual way. Furthermore, it seeks to present how the aforementioned work can serve as support for the teacher during Portuguese language classes. A bibliographical and export research is then carried out, given that it was necessary to read texts involving the subject. Thus, a qualitative analysis of excerpts taken from the work was carried out, referencing theorists to ratify the statements presented during the work. In this research, we defend that Lobato proposed a teaching methodology that takes into account the student's experiences during the grammar learning process, in addition to addressing aspects related to the varieties of the language.

Keywords: Normative Grammar. Linguistic Variation. Teaching.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO .....</b>	<b>10</b>
2.1	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A RELAÇÃO LÍNGUA E SOCIEDADE .....	10
2.2	O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO NA ESCOLA .....	14
2.3	O ESTUDO DA GRAMÁTICA NA ESCOLA .....	17
<b>3</b>	<b>A LITERATURA COMO UMA POSSIBILIDADE DE ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....</b>	<b>20</b>
3.1	AS MARCAS DE MONTEIRO LOBATO NO TRATAMENTO ÀS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	23
3.2	O ESTUDO DA GRAMÁTICA NA OBRA.....	30
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o professor de Língua Portuguesa tem como papel principal mediar o desenvolvimento do conhecimento linguístico durante o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, o aluno se torna o responsável por seu conhecimento, constituindo-se como o sujeito de suas ações, enquanto o professor tem o papel de apoiá-lo durante o acesso ao saber linguístico.

No contexto escolar brasileiro, é possível notar alunos com muitas diferenças, inclusive com experiências linguísticas variadas. Então, é importante uma abordagem sobre a heterogeneidade da língua, visto que o aluno se depara com o ensino da norma-padrão e cria a ideia de que sua fala é ruim e o padrão é a única forma correta. Esse pensamento, muitas vezes, é causado pela forma como o ensino da gramática é introduzido ao aluno e tem gerado importantes problemas de aprendizagem da língua.

Este trabalho busca efetuar uma abordagem acerca da variação linguística através da análise da obra *Emília no País da Gramática*, de Monteiro Lobato, verificando em que medida o autor faz relação entre o ensino da gramática de uma forma contextualizada e aborda aspectos relacionados à variação. Além disso, procura-se demonstrar como a obra pode servir de apoio para o professor durante as aulas de Língua Portuguesa. A obra foi escrita com o intuito de servir como uma literatura paradidática, por meio da qual o autor visava ao ensino da gramática de uma forma criativa. Lajolo (2000) afirma que Lobato adicionava à suas histórias informações que muitas vezes coincidem com o currículo escolar.

A obra de Monteiro Lobato *Emília no país da gramática*, escrita em 1934, é apresentada como uma obra paradidática – aquela que está associada ao auxílio na educação de crianças de uma forma lúdica. Nela, Lobato cria o país da gramática, no qual as palavras, suas classes e funções são transformadas em personagens, e une o imaginário ao real. A gramática se caracteriza e dialoga com o universo infantil.

O desenvolvimento desta pesquisa mostra-se relevante pela possibilidade de promover uma análise de aspectos relacionados à temática da variação linguística,

como o preconceito linguístico, numa obra escrita anteriormente ao surgimento da Sociolinguística.

Dessa forma, este trabalho pode servir como proposta para que os professores trabalhem o livro em sala de aula, apoiando-se na importância de ensinar a pluralidade da língua, mas sem deixar de lado o ensino da gramática normativa, considerado um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa, dada a sua importância para o aluno, pois dessa forma ele pode ampliar seus usos linguísticos. Considera-se, ainda, que o texto é relevante na medida em que professores e futuros professores de Língua Portuguesa podem apoiar-se nas considerações aqui apontadas para subsidiar suas aulas.

Para o desenvolvimento deste texto, foi necessária uma pesquisa bibliográfica e de caráter exploratório, haja vista que envolve um levantamento de trabalhos sobre a temática em questão por se tratar de um estudo de revisão da literatura. A análise dos trechos da obra de Lobato foi feita por meio de um viés qualitativo, buscando-se referências teóricas para embasar a abordagem.

Este trabalho está dividido em 2 capítulos. No primeiro, são apontadas considerações a respeito da variação linguística, de sua relação com a sociedade e de como ocorre o ensino da variação linguística e da gramática normativa na escola. No segundo capítulo, trata-se da importância da literatura nos estudos linguísticos e de como Lobato demonstra sua relação com a variação linguística por intermédio de sua obra. Também é feita uma abordagem acerca de como o ensino da gramática é feito por meio desta obra.

## 2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

Neste capítulo, será abordada a relação entre língua e sociedade e a importância dos estudos linguísticos para compreender uma comunidade de fala. É feita, também, uma abordagem acerca do tratamento da variação linguística na escola, pautada no que estabelecem os PCNs e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documentos que orientam o ensino de língua portuguesa. Além disso, revisitamos informações sobre como ocorre o ensino da gramática normativa nas escolas, explicitando a importância de um ensino mais dinâmico e contextualizado no trato das questões sobre as variedades da língua.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é necessário criar condições para que o aluno desenvolva algumas competências. Uma dessas competências, que aparece especificamente na área de Língua Portuguesa para o ensino fundamental é —Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (BNCC, 2018, p. 87).

Na BNCC, fica patente que o ensino da variação linguística deve ocorrer durante as aulas de língua portuguesa. Dessa forma, percebe-se que é algo que não deve ser ignorado, dada a sua relevância para a formação do aluno, para que possa perceber as variedades da língua com respeito, evitando o preconceito.

### 2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A RELAÇÃO LÍNGUA E SOCIEDADE

A principal função da língua é possibilitar a comunicação entre os indivíduos e é a partir desse vínculo linguístico que surgem as relações sociais, haja vista que a língua é um veículo de ação social. Assim, é notória a relação que existe entre a língua e a sociedade.

Muitos estudos linguísticos enfatizam a análise da relação que há entre a língua e o contexto sociocultural, como na pesquisa da linguagem de uma determinada comunidade de fala, por exemplo. Para estudar uma língua, é importante não apenas conhecer seu vocabulário, mas também conhecer a cultura em que está inserida, de forma que seja possível compreender a configuração de

seus enunciados em função das características dos seus falantes, das questões sócio-históricas e do contexto em que ocorre a comunicação. Desse modo, conhecer uma língua possibilita, também, conhecer um povo.

A relação existente entre língua e sociedade é indissociável, já que o ser humano vive em comunidade e está o tempo todo se comunicando e interagindo entre si. Desde seu nascimento, as pessoas começam a sofrer influências culturais do meio no qual estão inseridos e, conseqüentemente, linguísticas.

Segundo Saussure, a língua é um fenômeno social, haja vista que se comunicar é o pilar para a vida em sociedade. Ao criar as palavras, que também são chamadas de símbolos, a fim de retratar o que é visto, é pensado ou sentido, o homem se liga ao mundo por intermédio da linguagem, a qual é fundamental para a interação verbal, por meio da enunciação. De todos os sistemas de linguagem criados pelo homem (pinturas, músicas, palavras, sinais luminosos e sonoros, placas, gestos, sinais matemáticos), a palavra é um dos mais utilizados na interação entre os indivíduos, pois ela explica todas as outras linguagens.

É possível afirmar que a língua adquire significação de acordo com o contexto em que está sendo produzida e que o enunciador não fala por si só. O discurso não é fundamentado em sua individualidade, mas em uma coletividade e a fala é representante de um grupo. Portanto, quando há variações linguísticas, o valor social é transmitido para a forma linguística, conseqüentemente, quando há duas formas linguísticas que são produzidas, a variante do grupo com maior prestígio obtém, também, maior valor social.

A língua não pode ser produzida em um vácuo social. Essa relação que existe entre língua e sociedade não é uma relação na qual uma determina a outra, e sim uma relação de interação entre ambas, de forma que uma reflete na outra dentro de um sistema de influências. Dessa maneira, é possível afirmar que a língua e a sociedade evoluem continuamente a partir de um processo de interação. As mudanças que ocorrem em uma língua não são por acaso, elas ocorrem por uma necessidade social, bem como o desenvolvimento linguístico de uma comunidade tem relação com sua vida social, pois as imposições sociais influenciam diretamente na língua. Como afirma Labov (2008):

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou,

dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

A língua do falante não muda por si só, mas motivada por um conjunto de fatores. Já a língua é alvo de disputas, haja vista que as classes majoritárias tentam impor como certos e aceitáveis os padrões linguísticos que lhes são característicos.

A Sociolinguística ocupa-se no estudo dessa relação que há entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do âmbito social de uma comunidade de fala. Ela pode ser definida como a área da Linguística que investiga a língua em uso pelos falantes. Dessa maneira, considera a influência social. Para a Sociolinguística, a língua relaciona-se diretamente com a sociedade, —portanto, não pode ser estudada como estrutura autônoma, independente do contexto social, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141).

Torna-se importante evidenciar, também, os ideais de Labov (1972), que explana sobre a relevância de haver discussões acerca do estudo da mudança linguística no contexto social, uma vez que as variações na língua ocorrem motivadas por fatores sociais. Labov aponta que:

Pelo fato de ser a língua uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode reconhecer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua são apenas as consequências. (LABOV, 1972, p. 304)

A língua está em constante desenvolvimento, no entanto há uma crença de que ela é estática e imutável. Esse pensamento está ligado, principalmente, à gramática normativa tradicional, que transmite a ideia de que existe um modo de fala mais bonito e mais correto e que todas as outras formas são erradas. Esses outros modos de fala são chamados de variação linguística. Como foi dito, a língua e a sociedade caminham juntas. Dessa forma, as pessoas que usam a língua para se comunicar buscam a melhor maneira de fazê-lo dentro do contexto em que estão inseridas.

A língua é um conjunto heterogêneo e diversificado, pois toda a sociedade possui diferentes experiências em vários âmbitos, como o histórico e o social, por

exemplo, e, por esse motivo, a variação está presente em todas as línguas do mundo.

Cada grupo social desenvolve sua própria rede de comunicação. É possível citar a diferença nos falares das populações urbanas e rurais, da mesma forma que sexo, idade, escolaridade e classe socioeconômica. Além desses fatores, a língua muda de acordo com a necessidade do falante numa situação específica. Em situações formais, por exemplo, o falante tenta se aproximar da forma padrão ao máximo possível, já que a sociedade impõe essas regras, que são sociais e também linguísticas. Caso essas regras sejam quebradas, cria-se uma situação de desconforto e até mesmo a não aceitação do indivíduo pelo grupo.

Apesar disso, mesmo que alguns modos de fala sejam vistos como mais adequados, em situações específicas, não existe uma forma mais correta ou mais bonita, mas sim uma que tem mais prestígio social. Essa valorização/desvalorização da língua está ligada ao grupo social em que o falante está inserido. O modo de fala das classes desfavorecidas ou marginalizadas é alvo de críticas não exatamente pelo fato de ser considerado feio ou errado, mas pelo simples fato de pertencer a tais grupos.

Assim, o preconceito linguístico é sustentado pelo preconceito social, pois os julgamentos sobre qual variedade ou língua é superior e qual é inferior está ligado às relações sociopolíticas das comunidades. A partir disso, é possível perceber o preconceito que há nas definições utilizadas para diferenciar a língua culta da língua informal conforme destacado por Petri (1982):

Na língua culta estão presentes: maior prestígio; situações mais formais; falantes cultos; literatura e linguagem escrita; sintaxe mais completa; vocabulário mais amplo; vocabulário técnico; maior ligação com a gramática e com a língua dos escritores. Enquanto que a língua informal apresenta: menor prestígio; situações menos formais; falantes do povo menos culto; linguagem escrita popular; redução sintática; vocabulário restrito; gíria, linguagem obscena; fora dos padrões da gramática tradicional. (PETRI, 1982, p.5)

Nota-se, então, que a norma culta é uma variedade privilegiada, posta como modelo social e como representação de uma classe socialmente favorecida e dominante. Assim, percebe-se que se trata de questões de poder e prestígio social. Sobre isso, Bagno (2002) afirma que:

Tornar as classes populares mais competentes em termos linguísticos não é por si só, garantia de chegada a melhores e mais prestigiados postos na escala social; seriam necessários outros requisitos para essa mudança. (BAGNO, 2002, p.17)

Segundo Bagno (2002), a ascensão social não está ligada apenas ao domínio da norma culta, vai muito além disso. No entanto, a opinião de Oliveira (2008) diverge da de Bagno, pois aquela afirma que, para que se possa adquirir as habilidades necessárias com a finalidade de se obter o exercício total da cidadania, é imprescindível ter o domínio da norma culta na fala e do mesmo modo na escrita. Dessa maneira, ao alcançar tais competências, esse sujeito torna-se ativo no meio no qual está inserido, haja vista que ele passa a ser conhecedor dos seus direitos, reivindica, busca, questiona e reflete sua posição na sociedade. Oliveira (2008) acredita que, para se conquistar um lugar de maior prestígio social, é fundamental ter a devida aptidão comunicativa. Para tanto, essa pessoa deve utilizar, com eficiência, os procedimentos linguísticos de prestígio, ou seja a norma padrão.

## 2.2 O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO NA ESCOLA

Com o avanço dos estudos linguísticos, houve uma grande reflexão acerca do ensino da língua, pois, por meio desses estudos, fica claro que a língua não deve ser tratada como se fosse de fato homogênea. Isso leva a questionar sobre a predominância do ensino da norma. Assim, levanta-se o questionamento: será que não haveria espaço para o ensino-aprendizagem que abrangesse, também, as questões referentes às variedades da língua?

Em resposta a essa indagação, os PCNs, que é um documento oficial, referência para o ensino de Língua Portuguesa, inclui a discussão referente à diversidade linguística. Como observa-se no seguinte trecho:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma —certall de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso —consertarll a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por

mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (PCN, 1997, p. 26).

Por meio deste documento, o estudo das variações linguísticas ganha ênfase, e é estimulado pelos órgãos que regularizam a educação brasileira. Dessa forma, passa a ser parte do currículo educacional. Esse documento regula o ensino partindo da educação infantil, passando pelo ensino fundamental até o ensino médio, sempre enfatizando a influência do meio sociocultural sobre a linguagem.

Dessa forma, o ensino da diversidade e cultura deve abranger todos os níveis da educação básica. Por uma perspectiva de que as diferentes formas de comunicação não devem ser vistas como um erro ou um desvio em relação à norma, mas sim como forma legítima de uso. É claro que há o mesmo sistema linguístico para todos, chamado *português brasileiro*, no entanto, a fala é individual, é diversificada e é heterogênea, mesmo todos falando a mesma língua.

Sobre isso, os PCNs (1997, p. 29) afirmam:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em —Língua Portuguesa— está se falando de uma unidade que constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais.

Desse modo, nota-se a existência de uma língua heterogênea, então, o ensino não deve ser pautado em apenas uma variedade. O ensino não pode apenas seguir um modelo padrão, classificando o que é certo ou errado, no qual a perspectiva do erro é direcionada às variedades da língua que detêm um menor prestígio. Porém, não é uma tarefa fácil trabalhar por uma perspectiva que englobe esta questão das variações, juntamente com a norma padrão. Sobre isso, Bagno (2002, p.11), afirma:

O ensino de língua no Brasil, neste início de século XXI, se encontra numa nítida fase de transição. A maioria dos professores que estão se formando agora já têm consciência de que não é possível simplesmente dar as costas a todas as contribuições da ciência linguística moderna e continuar a ensinar de acordo com os preceitos da Gramática Tradicional. Por outro

lado [...], ainda não sabem de que modo concretizar essa consciência em prática de sala de aula.

Com o avanço dos estudos linguísticos, os novos professores já estão sendo formados com os conhecimentos voltados à questão do ensino por uma perspectiva que aborde os aspectos variacionistas, para que o aluno tenha a compreensão de suas implicações e sua contribuição sociocultural.

É importante que o ensino esteja voltado ao trabalho das diferentes variedades da língua. Então, é interessante que o professor conheça as variações existentes naquele espaço, não ficando somente preso a uma norma padrão. Ao invés de impor uma língua padrão como certa e denominar as variedades como erradas, o papel da escola é mostrar a importância de ambas, para a sociedade e sua comunicação.

De acordo com Bagno (2009), as práticas pedagógicas devem estar alinhadas às transformações sociais. Segundo ele, a sociedade, hoje, está muito distinta da do século XX; por isso, é necessário um olhar com uma postura reflexiva, em relação ao que se deve ensinar para os alunos, ao modo como esse ensino ocorre e o que se pretende alcançar com determinada metodologia. Esse ensino, também, deve levar em conta a valorização do indivíduo, respeitando as diferentes formas de fala.

No contexto de ensino/aprendizagem, as variações são muito importantes para a compreensão da cultura e da comunidade à qual o aluno pertence. É interessante que o professor não trate as variações como erro, tentando repreender o modo de fala do aluno, porque isso pode levá-lo a acreditar que não tem conhecimento sobre sua própria língua, e ele precisa compreender o valor cultural e sócio/histórico que foi passado de uma geração para outra.

Dessa maneira, percebe-se que há um distanciamento entre o ensino da gramática normativa e a gramática que o falante utiliza em seu dia a dia, haja vista que aquela não está tão associada às relações comunicativas; mas com o ensino das variedades, o aluno pode observar algo mais concreto com relação à comunicação e à diversidade que há na língua, notando a evolução da sociedade. Para tanto, o ensino de língua deve centrar em seu uso social comunicativo; dessa forma, é necessária uma mudança no ensino.

Em vista disso, a BNCC de língua portuguesa afirma que:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que pode ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e as variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 81).

Então, é notório que as aulas de língua portuguesa devem ser pautadas em temas que refletem as questões referentes às variedades de prestígio, bem como às estigmatizadas, uma vez que ambas não são abordadas com tanta frequência nas aulas, no intuito de ensinar aos estudantes que variações existem e que devem ser respeitadas, dado que toda e qualquer língua está sujeita a essas mudanças.

### 2.3 ENSINO DA GRAMÁTICA NA ESCOLA

É sabido que, mesmo com os estudos linguísticos, o ensino da gramática na escola ainda é feito de uma forma que se prende a métodos antigos, baseados na memorização das nomenclaturas, o que tem pouca significação para o aluno. O professor, por muitas vezes, se prende a teorias, e os alunos não conseguem efetuar uma limitada relação entre essa teoria gramatical e sua prática no texto.

De acordo com Antunes (2003), é possível observar que o ensino da gramática ainda é realizado de uma forma descontextualizada, desvinculada da língua escrita e falada na comunicação usual. Da mesma forma, é possível observar uma gramática fragmentada, analisada em frases ou palavras isoladas, sem contexto, que servem apenas como exercícios. Por meio de questões que não apresentam nenhuma relevância para o desenvolvimento da competência comunicativa do falante, em sua maioria apoiado em regras e casos individuais fora de contexto de uso da língua. E que ainda está focado nas nomenclaturas e classificação das unidades, distintas das regras de uso.

Ainda é possível ver o ensino de uma gramática —inflexível, petrificada, de uma língua supostamente uniforme e inalterável (ATUNES, 2003, p. 32), apoiado em um conjunto de regras retiradas das gramáticas, como se no uso aquilo que está posto não fosse variável. Observa-se, do mesmo modo, uma gramática prescritiva que dita o que é certo ou errado, deixando de lado questões sobre variação, e aspectos textuais e discursivos.

É indiscutível a importância do ensino da gramática na escola, no entanto, esse ensino não deve ser feito de forma que vise apenas conservar a estrutura da língua, mas com o objetivo de auxiliar o falante no processo de aprendizagem sobre a língua materna e as características principais de sua cultura. O ensino precisa ser voltado a estabelecer uma harmonia na relação entre aprender a gramática normativa e a contextualizada.

É notório que o ensino da língua perpassa por vários obstáculos, não apenas no modo como é feito o ensino da gramática, mas também na forma como o professor a utiliza em sua prática, isto é, o professor deve dar aos alunos uma orientação viável para que possam produzir seus textos, pondo em prática as regras gramaticais. Para isso, é importante utilizar métodos dinâmicos e eficientes durante a exploração do conteúdo. Claro que não existe um método milagroso que deva ser utilizado, mas sim a possibilidade de desenvolver novas práticas de ensino que vão permitir ao aluno alcançar uma aprendizagem significativa.

Sobre o ensino da gramática, Antunes (2007) afirma:

SE LÍNGUA E GRAMÁTICA não se equivalem, saber gramática não é suficiente para a atuação verbal eficaz. De fato, um dos maiores equívocos consiste em se acreditar que o conhecimento da gramática é suficiente para se conseguir ler e escrever com sucesso, os mais diferentes gêneros de textos, conforme exigências da escrita formal e socialmente prestigiada (ANTUNES, 2007, p. 53).

Verifica-se, dessa forma, que, para produzir e interpretar um texto, o aluno deve ter conhecimentos que vão além dos gramaticais. E esse conhecimento é apenas uma parte do que ele precisa saber para que possa desempenhar sua atividade de forma adequada.

De acordo com Antunes (2007), um dos equívocos observáveis sobre o ensino da gramática é o pensamento de que os alunos chegam à escola sem saber gramática. No entanto, como um falante nativo que tem domínio sobre a língua não teria nenhum conhecimento sobre a gramática de sua própria língua?

Porque, de fato, ao chegar à escola ele se depara com uma gramática diferente da sua usual, no entanto, às vezes não é esclarecido que ele já domina a gramática de sua língua e que esse seria outro tipo de gramática, denominada tradicional. Desse modo, se cria a ideia de que a gramática é difícil e que os alunos não a sabem.

Geralmente, o ensino da gramática é baseado na correção de erros ou em questões muito pontuais. Ao se utilizar essa perspectiva de erro, prática de ensino que não é considerada a ideal, deixando-se de lado as questões sobre a heterogeneidade da língua, conseqüentemente, reforçam-se as questões do preconceito linguístico.

Sobre isso, Antunes afirma:

A língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado (ANTUNES, 200, p. 29).

A autora afirma que a língua está muito além dessas questões e que faz parte de nós e da nossa identidade cultural, histórica e social. E é claro que a gramática deve ser ensinada nas aulas de língua portuguesa, no entanto, ela não ensina ninguém a escrever com precisão (ANTUNES, 2007). O aluno precisa aprender a usá-la de acordo com a situação na qual ele está inserido. Apenas com teoria gramatical não é possível atingir esse objetivo, pois os estudantes ficam desmotivados, por não absorverem o conteúdo que está sendo explicado durante as aulas, desenvolvendo um desinteresse pelo estudo da língua.

Isso posto, o professor precisa se desprender da maneira tradicional e buscar aulas mais dinâmicas, apresentando o conteúdo de forma reflexiva por meio de atividades contextualizadas, interdisciplinares. Para isso, é necessário que o aluno construa seu conhecimento linguístico por meio de pesquisas referentes à variedade da língua.

### 3 A LITERATURA COMO UMA POSSIBILIDADE DE ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O início da literatura infantil, no Brasil, deu-se a partir da publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, em 1921, com trechos da história antecipados e divulgados na *Revista do Brasil*. Escritor do período Pré-modernista da história literária brasileira, Monteiro Lobato já era um escritor famoso, mas sua literatura era voltada ao público adulto. No entanto, o escritor viu que havia a necessidade de escrever histórias para crianças, com linguagem divertida, algo totalmente diferente da sua tradição anterior.

Após a obra *A menina do nariz arrebitado*, a qual obteve um grande sucesso, Monteiro Lobato consolidou, nesse âmbito literário, *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* e boa parte de seu elenco. Em seguida, publicou outras obras, tornando-as assim uma série, na qual as histórias ocorrem em torno do Sítio do Pica-Pau Amarelo e seus personagens. O Sítio é um espaço rural cujos moradores são: Dona Benta, que é a proprietária, junto a sua neta Lúcia, conhecida como Narizinho, e Tia Nastácia, uma cozinheira antiga e fiel. Logo depois surgem, Pedrinho, também neto de Dona Benta, que vai passar férias com a avó, a Boneca Emília e o Visconde de Sabugosa, também falantes, além de animais falantes como o porco Rabicó, o burro conselheiro e o rinoceronte Quindim. Todos esses personagens vão ganhando seu espaço à medida que vão aparecendo nas histórias.

A produção literária infantil da obra de Monteiro Lobato aconteceu no momento em que estavam ocorrendo mudanças no campo da educação com o movimento da Escola Nova<sup>1</sup>. Nesse contexto, o movimento surgiu com o objetivo de valorizar o pensamento científico e a atitude reflexiva, levando ao questionamento da tradição e a proposição de uma tecnologia inovadora para a sociedade que estava se modernizando.

---

<sup>1</sup> Escola Nova foi um movimento que propôs mudanças no sistema de ensino, colocando o aluno no centro do processo de construção do conhecimento. Seus criadores consideravam que os métodos tradicionais já não tinham tanta eficácia em relação à realidade social do movimento e não garantiam a preparação dos alunos para serem cidadãos bem adaptados ao convívio social. Para eles, a escola tem o papel de agente democratizador e inclusivo dos cidadãos.

Segundo Lajolo (2000), na busca de acompanhar seu tempo, Lobato adiciona às suas histórias inúmeras informações que muitas vezes coincidem com o currículo escolar. Em sua série de livros, ele faz críticas à escola, porém de forma que não compromete, mas que reforça seu valor formativo. O Sítio do Pica-pau Amarelo surge como um espaço que se relaciona ao da escola, entretanto, de forma mais eficaz. Dona Benta assume o papel de professora ideal, e os moradores do sítio como os alunos atentos e interessados que buscam problematizar os temas de forma que vão além da sala de aula.

No livro *Emília no País da Gramática*, é notória a preocupação de Lobato com a linguagem ao apresentar o ensino da gramática e da linguística de uma forma lúdica para as crianças. Dessa forma, ele desperta o interesse da criança aprender.

Para a realização de diversos trabalhos, muitos pesquisadores utilizam obras literárias como *corpus* para a análise de fenômenos representativos da variação linguística, pois muitas vezes são vistas como uma recriação da realidade de uma determinada época. Assim, por meio da análise de uma obra literária, pode-se estudar a língua de determinado período, observando-se como está em constante mudança.

Ao considerar as questões sobre língua que são observadas numa obra, faz-se necessário analisar e entender as diversas concepções linguísticas que estão presentes no livro. Por a língua ser um conjunto aberto e heterogêneo e que está sempre presente na comunicação daquele que a utiliza e também expressa suas emoções e informações, ela pode ser modificada em um discurso específico, como por exemplo, em uma linguagem técnica, como na produção de um trabalho científico. Na produção literária, o autor utiliza mecanismos linguísticos mais eficazes para a sua criação, com inovações ou uma vivacidade vocabular.

Dentro do universo literário, diferentemente de outros campos da escrita, não existe uma regra que determina a utilização dos recursos da língua. Nenhuma obra é igual à outra, pois autores diferentes utilizam formas linguísticas distintas com o objetivo de seguirem o estilo de sua obra ou escola literária.

Para atingir seu objetivo, o autor se apropria de diversos recursos linguísticos, como a inovação lexical, modificação do significado, mudanças sintáticas e diversos

outros. O que muitas vezes para o leitor pode ser visto como algo que fere as normas da língua, para o autor é um recurso estilístico aplicado no texto.

Dessa forma, para entender a intenção da obra, é importante entender que dentro do universo literário existe um discurso próprio e que os elementos presentes no texto são características do contexto da produção dessa obra, do autor ou do estilo literário da sua escola ou outros fatores que inspirem sua escrita.

Um recurso linguístico muitas vezes utilizados por autores é a inovação lexical, o também chamado neologismo. Na obra *Emília no País da Gramática*, por exemplo, além de explicar o que é neologismo de uma forma específica e objetiva, observa-se a utilização desse recurso na fala da boneca Emília, como no seguinte trecho:

-Caval-ência – juntou Emília.

- Essa palavra eu não conheço.- disse a velha, com expressão de surpresa nos olhos.

- É minha! – berrou a boneca. – Foi inventada por mim como a invençãozinha que Deus me deu. Faz parte dos meus —neologismosll. (LOBATO,2008, p. 60)

O léxico de todas as línguas vivas está sujeito a mudanças. Algumas palavras deixam de serem usadas se tornando arcaicas, enquanto uma enorme quantidade de palavras é criada, ou acrescentados novos significados às palavras já existentes no idioma. Desse modo, pelo fato da língua ser algo mutável, que está em constante transformação, os neologismos surgem pela necessidade do falante de criar novas palavras. Com a utilização constante, o termo criado pode passar a fazer parte do idioma e introduzido no dicionário.

A criação de lexias está ligada ao contexto da obra de Lobato. Segundo Alves (2013, p.88):

No caso das formações neológicas no texto literário, somente a verificação da relação estabelecida entre o significante e significado não é suficiente sua interpretação, sendo preciso, no entanto, ir além da individualização do novo signo, o que significa que a inserção de uma nova forma em determinada obra literária responde às criatividade do seu criador (autor) de determinar a expressividade do texto.

As criações lexicais literárias são entendidas como um tipo de neologia estilística, também, como um fenômeno estilístico da criatividade. Geralmente, a

neologia é conceituada como a capacidade natural de criação e incorporação de novas unidades léxicas de um idioma. Isso faz com que o léxico de uma língua seja renovado e/ou ampliado.

Assim, as criações de léxicos podem funcionar como unidades discursivas responsáveis pela expressão dos sentimentos de quem a produz, ou podem também marcar uma época de acordo com suas ideologias. O neologismo no discurso literário aparece ligado a situações de enunciação. Os empregos dos léxicos textuais são tomados como um recurso discursivo da criação lexical textual inédita ou pela motivação de outras já existentes.

Os autores utilizam o neologismo como forma de expressar a sua criatividade, no intuito de romper as tradições linguísticas e dar mais expressividade a sua criação. Então, uma obra literária pode ser utilizada como *corpus* em uma análise linguística, como no nível lexical, por exemplo.

### 3.1 AS MARCAS DE MONTEIRO LOBATO NO TRATAMENTO ÀS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Para Lobato, o que importa na comunicação é entender e ser entendido. Para ele, é necessário ser claro, e, para isso, é importante ter uma linguagem simples: —A minha preocupação sempre é a mesma – clareza. As frases formam-se para exprimir o pensamento dos homens, e a boa ordem das palavras na frase ajuda a expressão do pensamento. (LOBATO, 1992, p. 49-50)

As pessoas tendem a simplificar a língua para facilitar a comunicação, e, dessa forma, usam uma linguagem direta, o que dá viabilidade e significação à língua. Simplificar foi justamente o que Monteiro Lobato fez ao produzir a sua obra, pois ele apresentou conceitos gramaticais de forma simples, divertida e clara, o que pode contribuir para que o interesse dos alunos cresça e que possam construir uma visão mais ampla e coerente da língua.

Retomando o conceito de língua viva, o *País da Gramática* evidencia o fenômeno do arcaísmo. Quindim explica que as palavras arcaicas —são expulsas do centro da cidade e passam a morar aqui, até que morram e são enterradas naquele cemitério [...] (LOBATO, 2009, p.22) Ele acrescenta que as palavras nascem,

crecem e morrem, haja vista que a língua está sempre em um processo de renovação. Sobre essa renovação, Bagno afirma que —toda língua muda e varia.

Quer dizer, muda com o tempo e varia no espaço (BAGNO, 2015, p. 22).

Durante um passeio pelo Bairro da Sintaxe, uma senhora que é modelo da norma culta, estava muito zangada, haja vista ter encontrado uma oração grafada de forma que não estava de acordo com a norma culta. Ela corrigiu o —nós vai brincarll, rapidamente, colocando o verbo em sua flexão de pessoa, correta. Feito isso ela olhou para Emília e explicou qual era o seu papel no bairro:

- Pois é isso, meus meninos. Sou eu quem faz estas palavrinhas comportarem-se como é preciso dentro das Orações. Obrigo-as a terem boas maneiras, a seguirem as regras do bom-tom. Forço o Verbo a concordar sempre com o Sujeito, e o Adjetivo a concordar com o Substantivo. Também não deixo que o Pronome discorde do Substantivo. Se não fossem as minhas exigências, as frases virariam verdadeiras bagunças. Passo a vida fiscalizando a concordância das Senhoras Palavras. (LOBATO, 2008, p.97)

Mais adiante, é possível perceber, no seguinte trecho, uma forma de variação citada pelo autor:

Os meninos notaram um fato muito A rivalidade entre o tu e o você. Sou pronome você vai vim entrado no quintal sentara-se à mesa com toda a brutalidade, empurrando o pobre Pronome Tu do lugarzinho onde ele se achava.

Via-se que era um pronome muito mais moço que Tu, e bastante cheio de si. Tinha ares de dono da casa.

-Que há entre aqueles dois?- perguntou Narizinho.- Parece que são inimigos...

[...] No andar em que vai, creio que [você] acabará expulsando o tu para as palavras arcaicas, porque já no Brasil muito pouca gente emprega o Tu. (LOBATO, 2008, p.29)

Nesse excerto, nota-se, então, de uma forma bastante clara, a variação que há entre os pronomes de segunda pessoa do singular —tull e —vocêll. O —tull é apresentado como a forma conservadora, enquanto o —vocêll seria a forma inovadora. Assim, Lobato, em sua época, já enfatizava o uso dessas variantes da língua.

No português moderno, os dois pronomes são usuais para se referir à segunda pessoa do discurso. No entanto, mesmo as duas formas sendo utilizadas para a segunda pessoa do singular, as formas verbais relacionadas a elas são utilizadas de formas diferentes na norma-padrão, visto que, para o —vocêll, utiliza-se a forma verbal em terceira pessoa. No português brasileiro coloquial, ambas as

formas são usadas com a marca de conjugação de terceira pessoa. Sobre a distribuição geográfica desses pronomes, nota-se o uso majoritário do *you* em muitos dialetos, mas é visível também a alternância *tu/you* em algumas áreas.

No início da obra, Dona Benta ensina gramática ao seu neto Pedrinho, que demonstra sua insatisfação e apresenta uma resistência ao referir-se à gramática como uma —caceteação. Mas Dona Benta insiste e, depois de alguns dias, Pedrinho passa a ver a gramática ensinada pela avó de uma forma divertida, como se fosse uma —brincadeira, diferente da forma como era ensinada na escola, na qual o professor obrigava a decorar as definições que —ninguém entendia.

Nesse contexto, é possível afirmar que o ensino de gramática na escola era feito de maneira arcaica, pautado em métodos teóricos, feito de maneira descontextualizada, distante da realidade do aluno, com foco na memorização de nomenclaturas. Isso faz com que o aluno não veja sentido na matéria, pois os fatos apresentados são muito distantes do que é utilizado por ele em seu dia a dia. Isso pode explicar o motivo pelo qual Pedrinho não gostava das aulas de português na escola. No entanto, quando sua avó aplica uma nova metodologia, deixando o ensino mais divertido, surge o interesse pela aprendizagem.

Emília, que sempre assistia às lições, deu a ideia de conhecer o país da gramática. Logo após, outros personagens também seguiram para lá. Nessa viagem foram Narizinho, Pedrinho, Quindim e o Visconde de Sabugosa, junto com a boneca Emília.

O passeio é guiado por Quindim, diferentemente de outras histórias, que são conduzidas por Dona Benta. Nessa narrativa, Quindim, após comer uma gramática que o Visconde esqueceu embaixo da jabuticabeira, torna-se o guia e isso traz mais ludicidade para a história. No decorrer, a turma entra em Portugália, que é onde moram as palavras da língua portuguesa, e nesse capítulo intitulado Portugália, a cidade é apresentada como —[...] uma cidade como todas as outras. A gente importante morava no centro e a gente de baixa condição, ou decrepita, morava nos subúrbios. (LOBATO, 2008, p. 21)

É notório, nesse trecho retirado da obra, que, na descrição da cidade, há uma relação entre as classes sociais e a língua. Percebe-se que existem comunidades de falas que são considerados superiores e outras que são considerados inferiores. No entanto,

[...] As línguas não são homogêneas e a variação observável em todas elas é produto de sua história e de seu presente [...] Podemos afirmar com toda a tranquilidade que os julgamentos sociais ante a língua- ou melhor as atitudes sociais- se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos da natureza política social. (ALKIMIM, 2004, p. 42)

É sabido que nas línguas sempre haverá variações linguísticas, em torno das quais existe uma ordem de valor, o que é um reflexo da hierarquia dos grupos sociais. As variedades superiores seriam as do grupo de maior prestígio enquanto as variedades dos grupos estigmatizados são vistas como inferiores.

Desse modo, percebe-se, na obra, essa distinção social relacionada aos termos da língua. Quando os viajantes chegaram à cidade de Portugália, em um dos bairros mais pobres do subúrbio, o qual é denominado bairro do refúgio e que possui algumas palavras —velhas e corocasll (LOBATO, 2008, p.21), Quindim fala que:

- [...] os gramáticos classificam essas palavras de **Arcaísmo**. Arcaísmo quer dizer coisa velha, caduca,  
[...]
- As coisas que ficam arcaicas são expulsas do centro da cidade e passam a morar aqui, até que morram e sejam enterradas naquele cemitério, lá no alto do morro. Porque as palavras também nascem, crescem e morrem como tudo mais. (LOBATO, 2008, p. 22)

Nesse trecho, no qual Quindim explana sobre arcaísmo, que são as palavras que caem em desuso seguindo um processo natural da língua, é possível perceber que essas palavras saíram do centro da cidade e foram para um dos bairros mais pobres.

A língua é o reflexo da evolução humana e suas relações. Ela também sofre mudanças e evolui. Para Bakhtin (2002), a língua dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo, os indivíduos não a recebem pronta para ser usada e sim penetram na corrente da comunicação verbal.

No entanto, não só o Arcaísmo aparece na obra como um morador do subúrbio da cidade de Portugália, o Neologismo também aparece.

- Essas aqui são o oposto do arcaísmo, disse Quindim. – são os neologismos, isto é, palavras novíssimas, recém saídas da forma.
- E moram também nesse subúrbio de velhas?
- Em matéria de palavra, a muita mocidade é tão defeito quanto a muita velhice. O neologismo tem que envelhecer um bocado antes que receba

autorização para residir no centro da cidade. Estes aqui andam em prova. Se resistirem, se não morrerem de sarampo ou coqueluche e se os homens virem que eles prestam bons serviços, então igualam-se a todas as outras palavras da língua e podem morar nos bairros decentes. Enquanto isso, ficam soltos pela cidade, como vagabundos, ora aqui, ora ali. (LOBATO, 2008, p.23)

Citando Bakhtin (2002), a língua vive e evoluiu na comunicação verbal concreta; dessa forma, a criação de novas palavras e de novas construções lexicais e suas ações sociais são tão naturais à língua quanto às construções que deixam de ser usadas, como é o caso do arcaísmo.

O neologismo é visto como uma palavra com muita mocidade e, segundo o trecho, a mocidade é tão defeito quanto a velhice. Devido a isso, essas palavras encontravam-se em um bairro pobre da cidade e, caso prestassem bons serviços aos homens, iriam morar em bairros mais decentes. Esse processo de mudança referido na obra está em consonância com o pensamento de Bakhtin:

[...] as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua (BAKHTIN, 2002, p.124).

Na obra, no capítulo denominado —vícios de linguagemll, é mostrado que alguns fenômenos naturais da língua estão presos em jaulas e são nomeados, por Dona Sintaxe, vícios de linguagem. Ela é uma personagem que a turma do Sítio conhece no capítulo —Bairro da Sintaxell e, também, é responsável por controlar o comportamento das palavras dentro das orações.

Nesse lugar, —O Arcaísmo está preso por deixar que as palavras que geralmente não são faladas por estarem em desuso apareçam em falas modernas.ll (LOBATO, 2008, p.113). O uso das palavras arcaicas seria como um defeito à língua, enquanto o Neologismo é apresentado da seguinte forma:

-Emília passou ao décimo cubículo, onde estava um moço muito pernóstico. E este aqui, tão chique? – Perguntou.  
 -Este é o Neologismo. Sua mania é fazer as pessoas usarem expressões novas demais, e que pouca gente entende.  
 Emília, que era grande amiga de neologismos, protestou:  
 -Está aí uma coisa com a qual eu não concordo. Se uma língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso

que haja na língua uma contínua entrada de neologismos. Se as palavras envelhecem e morrerem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isto não está direito e eu vou soltar esse elegantíssimo Vício, já e já...

-Não mexa, Emília! gritou Narizinho. – Não mexa na língua que vovó fica danada...

-Mexo e remexo! Replicou Emília batendo o pezinho. E foi e abriu a porta e soltou o Neologismo, dizendo: -Vá passear entre os vivos e forme quantas palavras novas quiser. E se alguém tentar prendê-lo, grite por mim, que mandarei o meu rinoceronte em seu socorro. Quero ver quem pode com Quindim [...] (LOBATO, 2008, p.113).

A partir da análise desse trecho, nota-se que, nesse diálogo com Dona Sintaxe, Emília, com sua esperteza, quebra as normas sociais ao contestar que o neologismo não deveria estar ali. Nessa passagem, evidencia-se que a língua, como um fenômeno vivo, é passível de mudança, dessa forma, o neologismo é o novo, concepção diferente da apresentada por Dona Sintaxe, que preza pela pureza da língua. Ao soltar o Neologismo, Emília demonstra clareza e entendimento em relação às mudanças da língua. Logo, percebe-se que Monteiro Lobato já tinha essa visão de que a língua é mutável já em sua época.

No início do século XX, alguns autores já pautavam sobre a ciência da linguagem, como, por exemplo, o suíço Ferdinand de Saussure. Ele postulou algumas dicotomias a exemplo de sincronia/diacronia, que são dois eixos que possibilitam o estudo da língua. A sincronia está relacionado ao estudo da língua em um momento histórico e a diacronia trata da análise da evolução da língua no decorrer do tempo. Saussure apesar de ter desconsiderado a fala como objeto de estudo da linguística, tinha a visão da língua como algo mutável e dinâmico.

Em um bairro periférico, chamado bairro do Refugio, dentro de celas, surgem personagens que estão ligados a fenômenos relacionados à variação linguística, como o Provincianismo, encontrado no seguinte excerto:

Emília encaminhou-se para o último cubículo, onde estava preso um pobre homem da roça, a fumar seu pito.

-E este pai da vida, que aqui está de cócoras? Perguntou ela.

-Este é o Provincianismo, que faz muita gente usar termos conhecidos em certas partes do país, ou falar como só se fala em certos lugares. Quem diz NAVIU, MÉNINO, MECÊ, NHÔ, etc... está cometendo Provincianismo. Emília não achou que fosse caso de conservar o pobre matuto alegou que ele também estava trabalhando na evolução da língua e soltou-o.

-Vá passear, Seu Juca. Muita coisa que hoje esta senhora condena vai ser lei um dia. Foi você quem inventou VOCÊ em vez de TU, e aí isso quanto não vale? Estamos livres da complicação antiga do Tutturututu. Mas não se

meta a exagerar senão volta pra cá outra vez, está ouvindo? (LOBATO, 2008, p. 86)

O provincianismo está ligado às variações linguísticas que ocorrem influenciadas pelas características regionais. A passagem trata especificamente da linguagem rural, conhecida com o dialeto caipira. Para Alckmin (2004), a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas ocorridas no espaço físico, observáveis entre os falantes de origem geográfica distinta.

Na obra, esse fenômeno é apresentado como uma forma não aceitável à língua, haja vista estar encarcerada. Em nota, a edição comentada esclarece:

Hoje em dia, o Provincianismo não é mais considerado um erro, mas apenas uma variação em relação à norma culta. A variedade regional falada pelo caipira é tão legítima quanto as outras das línguas. (LOBATO, 2008, p.114).

Mais adiante surge outro personagem, nomeado Solecismo, descrito na seguinte passagem:

Emília passou ao cubículo imediato, onde havia outro —cara de corujall, ainda mais feio.  
- E este? perguntou.  
-Este é o tal Solecismo, outro idiota que faz muito mal à língua. Quando uma pessoa diz: HAVIAM MUITAS MOÇAS NA FESTA, em vez de HAVIA MUITAS MOÇAS, está cometendo um Solecismo. FUI NA CIDADE, e em vez de FUI À CIDADE; VI ELE NA RUA, em vez de VI-O NA RUA; NÃO VÁ SEM EU, em vez de NÃO VÁ SEM MIM, são outras tantas vezes que saem da cachola desse imbecil. Emília botou-lhe a língua e passou ao terceiro cubículo. (LOBATO, 2008, p.111)

Esse personagem está totalmente relacionado à variação linguística. Nesse fragmento, é notório que a boneca não aceita o Solecismo e que há uma total reprovação a esse modo de fala, valorizando-se as regras prescritas pela norma padrão. Ora há entendimento de que a língua é viva, ora há a não aprovação a certos modos de fala. No fragmento, ocorrem variações por meio da inadequação da concordância verbal, como em —Haviam muitas moças na festall, o uso de uma forma não recomendada da preposição —nall, em —fui na cidadell, e o uso do pronome pessoal, como na frase —Vi ele na ruall. Todas essas frases são utilizadas pelo falante em uma situação de comunicação informal da língua.

### 3.2 O ESTUDO DA GRAMÁTICA NA OBRA

A proposta de Lobato, por meio de sua obra, era transformar o ensino da gramática, muitas vezes visto pelos alunos como algo sem sentido, em algo divertido e prazeroso. Na obra, as crianças aprendem brincando e viajando. Assim, a aprendizagem se torna mais rica e dinâmica.

De acordo com Clare (2002), no fim do século XIX, o ensino de língua portuguesa era relacionado às tradições e análise baseado na filosofia grega. No entanto, no início do século XX, por meio de novas teorias linguísticas, deu-se início a mudanças, porém o ensino ainda permanecia voltado à tradição gramatical, em busca de uma língua homogênea padronizada, deixando de lado a heterogeneidade.

A autora afirma que, embora em algumas obras houvesse sinais da linguística sincrônica, desde o início do século até os anos 50, era possível perceber uma deficiência na questão do estudo descritivo, pois o ensino era destinado a uma elite que valorizava a gramática normativa visando a uma norma padrão. Segundo ela, as camadas populares não tinham acesso à escola, já que não havia vagas. Os alunos privilegiados chegavam à escola com certo domínio do dialeto de prestígio, que é a norma padrão. Até hoje o ensino se baseia em nomenclaturas e, por muitas vezes, são deixadas de lado as questões sobre variação e a perspectiva funcional da gramática.

Assim, a proposta de Lobato é que o estudo da gramática seja mais do que uma divisão de conteúdos. Para tanto, ele estabelece novas possibilidades, fazendo como que o aluno e a gramática se tornem mais próximos, para que a aprendizagem seja mais efetiva, por meio de uma viagem por novos ambiente, adicionando novas sensações, magia e imaginação, como podemos observar no seguinte trecho:

No bairro dos ADJETIVOS O aspecto das ruas era muito diferente. Só se viam palavras atreladas. Os meninos admiraram-se da novidade e o rinoceronte explicou: — Os Adjetivos, coitados, não têm pernas; só podem movimentar-se atrelados aos Substantivos. Em vez de designarem seres ou coisas, como fazem os Nomes, os adjetivos designam as qualidades dos Nomes.

Nesse momento os meninos viram o Nome Homem, que saía duma casa puxando um Adjetivo pela coleira.

— Ali vai um exemplo — disse Quindim. — Aquele Substantivo entrou naquela casa para pegar o Adjetivo Magro. O meio da gente indicar que um homem é magro consiste nisso — atrelar o Adjetivo Magro ao Substantivo que indica o Homem.

— Logo, Magro é um Adjetivo que qualifica o Substantivo— disse Pedrinho — porque indica a qualidade de ser magro.

— Qualidade ou defeito? — asneirou Emília. — Para Tia Nastácia ser magro é defeito gravíssimo. (LOBATO, 2008, p. 24)

Logo no início da obra, é possível notar o descontentamento de Pedrinho em relação à forma como a gramática é ensinada na escola. No início das lições com Dona Benta, ele apresentou uma resistência, mas no fim cedeu, aceitando as aulas de sua avó e afirmando que, se o professor ensinasse como ela, a gramática virava brincadeira.

Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu; e todos os dias vinha sentar-se diante de Dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir explicações de gramática.

— Ah, assim, sim! — dizia ele. — Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. (LOBATO, 2008, p.2)

É notória a crítica feita ao ensino de gramática por Lobato. No entanto, é necessário evidenciar que ele não negava o ensino do Português em seus termos. Era contra, porém, à forma como era conduzido, ou seja, criticava a metodologia, como é observado no trecho citado anteriormente.

Atualmente, é vista com mais clareza a ideia de que aprender a gramática não está diretamente ligado ao escrever bem. O entendimento em relação a regras gramaticais não significa, necessariamente, que se tenha a habilidade com a produção textual.

Gramáticos e estudiosos da língua defendem a diferença entre o questionamento do conteúdo e da metodologia, feito por Lobato, a exemplo de Cláudio Cezar Henriques, que, em seu livro *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*, afirma:

Que a crítica à cobrança excessiva da terminologia não carregue consigo o desleixo de não explorarem as vantagens do domínio das potencialidades combinatórias estruturais da língua (HENRIQUES, 2005, p.75).

Lobato é um excelente escritor e sabe muito bem utilizar a língua portuguesa em seus escritos, possuindo o total domínio do idioma, refletido em vários gêneros da literatura. Em *Emília no País da Gramática*, o autor faz a personificação dos termos gramaticais e, com um bom humor, conduz o leitor a efetuar uma reflexão

sobre a língua portuguesa. E assim é revelada a forma como o escritor vê a discussão sobre a língua.

Lobato, ao tratar os termos gramaticais de maneira antropomorfizada, isto é como personagens humanizados, dotado de fala e ações, redimensiona a noção de língua tornando-a menos abstrata e mais viva, indo de encontro às definições das gramáticas escolares. Para Lobato a vivacidade da língua estaria ausente nos manuais de língua escolares e, no entanto, presente em *Emília no País da Gramática* (ALBIERI, 2005, p.75).

Por meio da leitura de seus textos referentes à língua, é sabido que Lobato possuía a concepção de que a língua é dinâmica. Ele faz a diferenciação entre língua e gramática. Para ele, aprender a língua vai muito além de saber analisar uma oração ou classificá-la conforme definem os gramáticos. Dizia ele que analisar uma frase —acaba com sua beleza—.

Distingue língua de gramática, tendo a visão da aprendizagem gramatical como —um processo árduo— nos moldes que eram propostos em sua época. Em sua obra da literatura infantil, propõe um método novo e diferente, conduzido pela ficção e recorrendo a recursos literários e linguísticos, como a viagem ao país da gramática e a personificação às terminologias dos elementos presentes no livro, a partir dos quais as crianças fazem a construção de seus conhecimentos linguísticos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, defendeu-se que, apesar de alguns avanços, o ensino de Língua Portuguesa ainda enfrenta alguns desafios, como por exemplo, a forma equivocada como a gramática é ensinada, assim como a insuficiente abordagem das variantes sociais da língua. Sabemos que o ensino deve ir além da memorização de nomenclaturas, pois o aluno precisa entender o funcionamento da língua na prática, pautado no que está no texto. Por isso é importante estudar acerca da variação linguística e do ensino da gramática normativa.

Dessa maneira, ficou evidenciada a importância da obra *Emília no País da Gramática* para o contexto de ensino da Língua Portuguesa, haja vista que foi escrita com o objetivo de servir como uma literatura paradidática, por meio da qual o autor visava ao ensino da gramática de maneira recreativa e a produção de um material que pudesse servir de apoio ao professor em suas aulas.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral verificar aspectos da variação linguística na obra de Monteiro Lobato, à proporção que o autor faz relação entre gramática contextualizada e aborda temáticas relacionadas às variantes do português. Constata-se que o objetivo geral foi atendido, porque o trabalho, efetivamente, permitiu evidenciar que Lobato desenvolveu sua obra pensando em inovar o ensino de sua época, propondo que fosse trabalhado com ludicidade e reflexões.

Essa obra pode servir de suporte ao professor em suas aulas, pois é possível que ele adapte-a a sua metodologia para explicar conceitos gramaticais, já que ela apresenta aos alunos a personificação desses conceitos, explicando-os de forma divertida. Também foi possível analisar que Lobato traz noções das variações à medida que ele apresenta a ideia de uma língua viva e heterogênea, ao enxergá-la como mutável, variável e que está em constante evolução.

Além disso, a pesquisa partiu da hipótese de que o livro aborda aspectos variacionistas e facilita o ensino da gramática normativa. Dessa forma, confirmou-se tal hipótese, pois, durante o trabalho, verificou-se a possibilidade da utilização da obra de Lobato durante o ensino-aprendizagem da língua. Ademais, a metodologia foi trabalhada em torno de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, uma

vez que envolveu levantamento de trabalhos sobre a temática em questão. A análise de fragmentos do livro foi feita por um viés qualitativo, buscando referenciar os teóricos utilizados para confirmar o que está sendo exposto. Diante da metodologia proposta, percebe-se que o trabalho, por se tratar de uma pesquisa de graduação, não contou com um tempo maior para a realização de investigação mais aprofundada da obra.

Portanto, no decorrer deste estudo, identificou-se a necessidade do desenvolvimento de outras pesquisas no intuito de aumentar o entendimento dos conceitos aqui tratados, bem como a elaboração de metodologias que utilizem a obra de Lobato como suporte para as aulas de Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, G. **O Estudo dos Compostos e Fraseologismo Criado por João Cabral de Melo:** proposta de estudo da coindexação semântica. 2013. 273 f. Tese (Doutorado Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.
- ALBIERI, Sara. **Crença e Aceitação:** a teoria humeana da crença como conhecimento confiável. Anais. Belo Horizonte: Segrac, 2005.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da Gramática:** por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Aula de Português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?:** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2008. 182 p.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito Lingístico:** o que é, como é, como se faz? 48. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas e método sociológico na ciência da linguagem. 4. ed., São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRASIL, Ministério da educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental.** Brasília, MEC/ SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002. 160 p.
- CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. **Sociolinguística.** In MARTELLO, M. E. (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CLARE, Nícia A. V. **50 Anos de Ensino de Língua Portuguesa (1950- 2000).** Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viclnf/anais/caderno06-05.html>. Acesso em: 19 de abril 2021.
- DE SOUZA, Rita Rodrigues. Emília no País da Gramática: por um ensino sem pedras no caminho. **Revista de Educação Linguagem e Literatura da UEG**, Inhumas, V. 2, n. 1, 38-52, Março de 2010.
- DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa:** reflexões sobre o trabalho de campo. Caderno de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/ 2002.
- HENRIQUES, Claudio César. **Sintaxe Portuguesa para a Linguagem Culta Contemporânea:** teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno; M. M. P.. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LAJOLLO, Marisa. **Monteiro Lobato:** um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. 2. ed. Coment. São Paulo: Globo, 2009.

MOTTA, Matheus S. L.; SILVA, Solimar Patriota. **Emília no País da Sociolinguística**: Um olhar sob a ótica da Variação Linguística para a obra de Monteiro Lobato. Cadernos Janeiro, V. 21do CNFL, Rio de, n. 3, 732-747, 2017.

PETRI, Setembrino; COIMBRA, Armando Márcio. **Estruturas Sedimentares das Formações Irate e Estrada Nova (Permiano) e sua Contribuição para Elucidação dos seus Paleoambientes Geradores**. Brasil. Anais: Buenos Aires: [s.n], 1982.

TERRA, Ernani. NICOLA, José de. **Língua, Literatura & Redação**. São Paulo: Scipione, 1997.